ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DE ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LEITURA COMO FATOR DE INTERAÇÃO SOCIAL

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
R. N.º 10237
Data 03 / 06 / 04

Aguinaldo Marques Nantes

Pontes e Lacerda – MT
2003

Termo - 2003/1

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA COMO FATOR DE INTERAÇÃO SOCIAL

Esta pesquisa foi desenvolvida como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

Orientador: Prof. Ms. Jones F. Vicente

Pontes e Lacerda – MT
2003

Ensaio monográfico apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda e aprovada pela Banca Examinadora, constituída pelos professores:

_____

Prof.º Ms. Jones Ferreira Vicente
Orientador

_____

Prof.ª Cleunice Maria de Andrade

_____

Prof.ª Mércia de Almeida Simões

Pontes e Lacerda, 30 de junho de 2003.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, iluminação e vitória alcançada.

Aos meus pais – Aldino e Alzira e às minhas irmãs Nalice, Nilda, Neiva e Neivane. Se hoje findo essa jornada, foi por acreditarem em mim e incentivaram me, desde muito cedo, a seguir o meu caminho.

A minha esposa Maria Gorette e meus filhos – Héctor, Ágder e Hélder pelo incentivo e companheirismo, durante essa caminhada.

Aos meus amigos e amigas, colegas contemporâneas de atividades acadêmicas, os quais jamais esquecerei, em especial Maria Adenilza, Keila, Zilcléia, Hélia Márcia, Claudete e Sueny. Pelo companheirismo e cumplicidade estudantil.

Aos professores que direto ou indiretamente me ensinaram persistência e sabedoria. Em especial ao Prof. Ms. Jones Ferreira Vicente, pela atenção, incentivo e orientação segura.

Enfim, a todas as colaborações...

Meus agradecimentos.

"A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, atividade constitutiva de sujeitos capazes de interagir com no mundo e nele atuar como cidadãos." (Freire, 1999).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 8

CAPÍTULO 1
1 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS..... 11

CAPÍTULO 2
2 - O ATO DE LER..... 15
2.1- Evolução da leitura através dos tempos..... 15
2.2 - Reflexões sobre a eitura..... 17
2.3 - Conceituando Leitura..... 21
2.4 - A importância da leitura para a compreensão da realidade..... 22

CAPÍTULO 3
3 - O PROCESSO DA LEITURA..... 24
3.1- Compreensão e Interpretação..... 26
3.2 - Retenção..... 27
3.3 - Reprodução (reorganização)..... 28

CAPÍTULO 4
4 - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA DO ATO DE LER..... 29

CAPÍTULO 5
5 - LEITURA NA ESCOLA, NOVAS PERSPECTIVAS..... 33

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 32

36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo discutir o fato de que ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, nem fazer a versão oral descritos, mais sim garantir ao indivíduo um espaço na sociedade para a interação sistemática com a informação veiculada cotidianamente, contribuindo para a formação de cidadãos críticos na construção e reconstrução de novos conhecimentos, fazendo com que o indivíduo perceba-se como ser histórico social. Destaca-se alguns aspectos históricos que posicionam o progresso e o avanço da leitura, discute-se a importância da família e da escola neste processo. Enfatizam-se os caminhos e reflexões sobre o despertar do gosto pela leitura. É preciso oportunizar a mediação para que ocorra uma política de leiturização que corresponda às necessidades individuais e sociais do nosso tempo.

INTRODUÇÃO

Procuro nessa pesquisa, sob uma linguagem cronológica histórica, contextualizar nosso objetivo de estudo à leitura como fator de interação social — refletindo e analisando a importância desta leitura para a compreensão e transformação da realidade.

Só o indivíduo capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, sente-se motivado para a leitura da palavra, pois se sabe que a leitura faz parte do cotidiano, mas aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças.

As rápidas transformações impostas pelo mundo têm exigido novas formas de leitura que essa experiência começa no lar e continua na escola.

Embora se faça leitura para aplicar o próprio conhecimento, também visa se buscar diversão e descontração. Encontram-se ainda vários fatores que influenciam na aquisição do hábito da leitura e muitas vezes tendo como conseqüência somente a decodificação de símbolos, acredita-se que ler não corresponde à simples aquisição de um novo código e sim fazer fonte de conhecimentos para a compreensão e transformação da realidade.

Assim, o despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização, e, com o objetivo de investigar, explanar e apontar a importância da contribuição de pais e professores na aquisição do gosto da leitura pela criança nas séries iniciais, bem como a compreensão da realidade, é que essa pesquisa vem

nos servir de suporte na tentativa de verificar os fatores que interferem no reconhecimento da leitura como instrumento básico para a superação das dificuldades.

Portanto, este trabalho baseia-se na concepção histórico-cultural que em sua origem, tem como preocupação a compreensão de como as interações sociais agem na formação do sujeito. Ainda, dada a natureza social e simbólica da atividade humana, os processos de funcionamento mental, são mediadas por signos que só podem emergir num terreno interindividual.

A elaboração deste trabalho está explicitada em cinco capítulos onde o pesquisador é o protagonista do evento estudado.

O capítulo 1 trata das condições metodológicas na tentativa de resolver situações problemáticas. No capítulo 2, inicialmente trata-se de aspectos históricos do processo de leitura, onde se pode constatar que o ato de ler vem de tempos remotos, quando a leitura era decifrada por caracteres feitos nas paredes, possibilitando uma comunicação. Ainda nesse capítulo faz-se reflexões sobre a leitura em posse de conceito dados por autores renomados, onde estes apontam como fatores variados que contribuem para que a leitura ainda seja encarada como simples decodificação de símbolos.

No capítulo 3, enfoca-se primeiramente o processo da leitura, a construção desse processo, atividades envolvidas, a importância do livro no meio social. No capítulo 4, a importância da família no processo de leitura, já que se sabe que a leitura precede a escrita e que bem antes da inclusão na escola a criança entra em contato com o mundo da leitura ouvindo histórias, vendo uma ilustração, permitindo a compreensão da realidade.

E por último, no capítulo 5, faz-se uma reflexão sobre o despertar o gosto pela leitura, onde o educador precisa mudar e passar a ser um novo agente consultor, é ele que faz o elo fundamental na cadeia da humanidade. Comenta-se ser necessário mudanças de conceitos de leitura, que deixe de ser a escrita uma simples decodificação de símbolos e possa provocar no sujeito reflexão, transformação, interpretação, recreação de significados e conciliação entre ela e o lazer.

CAPÍTULO 1

1 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esse trabalho é uma proposta de intervenção que dá à atividade de aprender um símbolo novo, onde as necessidades de aprendizagem afloram as tentativas de se resolver situações problemáticas. Ele gera situações de aprendizagens reais e diversificadas, possibilitando aos educandos decidirem opinarem, debaterem e construírem sua autonomia e seu compromisso com o social, formando-se como sujeitos culturais. Diante desse contexto é que essa proposta de trabalho será baseada na concepção histórico-cultural, que teve como preocupação a compreensão de como as interações sociais agem na formação do sujeito. São essas interações mediadas pelo professor que constituem o processo de conhecer a realidade, procurando compreendê-la de forma global, interdisciplinar, pois a mesma implica em trabalhar com categorias da totalidade.

Este trabalho determina a inserção crítica da criança em sua própria realidade e pressupõe um engajamento político educacional que, transforma o sujeito que nela atua criando condições objetivas para realização de uma nova sociedade.

A educação constitui-se em um espaço de construção e reconstrução do conhecimento social produzido historicamente acumulado. Enquanto prática social, a educação vai se construir em um instrumento de

compreensão da realidade como um todo. Sabe-se que as crianças já trazem conceitos elaborados a partir das relações que estabelecem em seu meio.

Foi diante dessa premissa, onde o conhecimento e a formação do ser humano se deu através das relações estabelecidas com o mundo, que se reconheceu como mais apropriado de coerente utilizar como referencial teórico o método elaborado por Paulo Freire "Tema gerador" que tem o objetivo explicitar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre ela, o que constitui a sua práxis.

> Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza da sua compreensão como da ação por eles provocada contém em si a possibilidade de desdobrar-se em tantos temas que, por sua vez, provoca novas tarefas que devem ser cumpridas. (Freire, 1974).

Vimos aí que esse método implica no levantamento do universo, escolha das palavras geradoras; criações de situações essenciais típicas do grupo; sendo assim, passa-se a perceber que conteúdos trabalhados em classe estão diretamente ligados ao cotidiano do educando e que cada conteúdo não se explica por si só, possuindo estreitíssima ligação, repassando todos os demais conteúdos, além de possuírem historicamente, uma dimensão social, política cultural, econômica e ideológica.

Essa abordagem considera a educação como um processo contínuo de tomada de conhecimento e de modificação de si próprio e do mundo.

Dessa forma, a busca da temática implica na busca do pensamento dos homens, pensamento este que se encontra somente no meio deles, aos quais reunidos indicam a realidade.

Discutir a leitura como fator de interação social implica em ver a vida através do livro da natureza, do natural. É sabido que o ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações, essas ações ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo.

Essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo educador e incorporado às suas estratégicas de ensino, com o objetivo de melhorar a qualidade desse processo iniciado quando a criança é capaz de captar e atribuir significado as coisas do mundo. Assim Vygotsky (1989) nos ajuda a entender que, quando as crianças interagem com os seus mundos podem fazer mais do que parecem ser capazes e extraem muito mais de uma atividade seu houver mediação de um adulto ou de um participante com mais experiência, como veremos a baixo.

> Mesmo os pensadores mais profundos nunca questionaram aquilo que as crianças podem fazer com o acompanhamento dos outros, e que isto pode ser em certo sentido, até mesmo mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que podem fazer sozinho. (Vygotsky, 1978).

Então, a leitura é um processo contínuo, que envolve e exige o engajamento de todas as partes envolvidas, a escola, os profissionais da educação e até mesmo o próprio sujeito a ser trabalhado. Pois se sabe que a leitura não é uma ação de resultados imediatos, mas de esforços contínuos e solidários.

O homem, um ser que se faz sujeito, é como um livro que está sendo escrito. É uma porção de chances, é a abertura, onde é perigoso rotulá-lo. A pedagogia na família, na escola e em toda a sociedade, não pode

esquecer esse elemento fundamental. Afinal, a educação se baseia no homem como ser que pode ser, desenvolver suas potencialidades, suas inteligências, sua sensibilidade e outras qualidades latentes.

CAPÍTULO 2

2 – O ATO DE LER

2.1 – Evolução da leitura através dos tempos

A importância do ato de ler vem de tempos remotos, quando os homens pré-históricos decifravam caracteres feitos nas paredes das cavernas, possibilitando-lhe a comunicação. Pode-se dizer que a evolução da leitura deu-se juntamente com a evolução da comunicação, como se tratasse de um organismo vivo. O fato é que as leituras são possíveis de profundas alterações através dos tempos e do espaço.

Com o passar dos séculos, a forma escrita foi incorporada definitivamente ao seio da sociedade, passando por várias etapas de evolução. Desde a pictográfica, feita através de desenhos ou pictogramas associados a uma imagem do que se queria representar e à ideográfica, caracterizada por desenhos especiais chamados de ideogramas, tornando-se uma convenção de escrita até a alfabética caracterizada pelo uso de letras que deveram sua origem nos ideogramas e evoluíram até chegar a representação fonográfica, isto é, do som das palavras permanecendo até nossos dias.

> A transmissão oral da tradição ou uso de rituais e da dança o apelo às artes visuais precederam em muitos o aparecimento da escrita, mesmo a mais pictórica ou ideogramática, e até hoje vários povos podem prescindir de empregá-la. (Silva, 1988).

Enquanto prática, a leitura associa-se desde seu aparecimento a difusão da escrita que provoca do século IV a.C. Os helenos em propriedade dos silabários transformaram-no em alfabeto, adaptado às suas necessidades de comunicação verbal.

Colocada na base da educação, a leitura pode assumir de imediato o componente democratizante e de possibilidades de ascensão ao mesmo tempo, confundiu-se com alfabetização, pois ler veio ser criticar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele.

O leitor passa a dispor de uma habilidade desligada de seu dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não é esclarecida durante aprendizagem. Desvinculado de seu objetivo, o ato da leitura torna-se intransitivo e o inexplicável, a não ser que se apele a categorias tomadas de empréstimo de outros setores da vida social, ou ainda:

> Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação e infra-estrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. (Freire, 1999).

Nos últimos dois séculos, a leitura passou a estar indissociavelmente ligada à escrita. E a história de vida do homem na era moderna e contemporânea, é toda ela pontuada por documentos escritos. Hoje, o ato de leitura não se realiza tão somente em nível não icônico (decifração de letra), mas também em nível icônico (decifração da imagem), pois o advento da tecnologia traz cada vez mais essa exigência para o mundo pós-moderno. Daí a necessidade de uma maior compreensão a

respeito do processo de leitura. KLEIMAN (1995: p.12) vê a leitura "como processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico, sociocultural, enciclopédico. Tal utilização requer a mobilização e a interação de diversos níveis de conhecimento, o que exige operações cognitivas de ordem superior, inacessíveis à observação e demonstração, como a inferência, a evocação, a analogia, a síntese e a análise."

2.2 - Reflexões sobre a leitura

A leitura assume, no âmbito da comunicação social, uma dimensão bem mais ampla que a decifração da escrita. Toda ação educativa deve ser percebida, tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de via de ser homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque.

O estudo e o ensino da leitura não podem deixar de considerar as diferentes distâncias sociais, pois os processos interlocutivos se dão no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social. Na leitura o locutor faz uma "proposta de compreensão", numa relação interativa. (GERALDI, 1993: p. 194).

> Grande parte do trabalho com leitura é "integrado" à produção em dois sentidos: de um lado ela incide sobre "o que se tem a dizer", pela compreensão responsiva que possibilita, na contrapalavra do leitor à palavra do texto que se lê; de outro lado, ela incide sobre "as estratégias do dizer. (GERALDI, 1993)

Compreender a realidade exige uma abordagem interdisciplinar, pois ela se forma a partir da articulação dialética dos diferentes conhecimentos produzidos. Esse trabalho determina a inserção crítica da criança em sua própria realidade. Isto se dá porque o próprio aluno consegue estabelecer relação entre a série de informações recebidas e o meio onde vive.

Tradicionalmente, na escola, o aluno é levado a ler sem saber para que lê. Isto acarreta sérias conseqüências na formação do leitor. Assim, estabelecer objetivos na leitura leva o indivíduo a refletir e controlar conscientemente o conhecimento, "(...) Quando o objetivo da leitura é claro e consciente para o leitor, ele exercitará estratégias de seleção de dados, de informações relevantes que o texto dispõe e que se relacionam com suas pretensões". (PCN, 1995)

Então, o professor precisa conscientizar-se de que a formação do leitor não depende, unicamente, do conhecimento da escola ou mesmo do ensino da leitura sedimentado na própria escola, mas o "... leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em suas experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que vive." (Orlandi, 1988, p.210). As condições de produção da leitura determinam que o aluno leia o texto não como a escola ou o professor deseja.

Cabe a escola e, mais especificamente aos professores, a tarefa de ensinar a ler, entretanto, nenhuma das partes parece estar comprometida com os reais objetivos da leitura. Esta é confundida com a decodificação da palavra e supõe-se leitor como sujeito "alfabetizado", na primeira série do 1° grau; contudo a aquisição do hábito e do gosto pela leitura não se resume

nisso, já que a alfabetização é tida como um processo contínuo, ou seja, se dá durante toda a vida.

Vários são os fatores que contribuem para que ainda se tenha esse tipo de concepção a respeito da leitura. Não se saberia, porém, qual o mais grave determinante para essa dificuldade.

Os responsáveis pelo sistema educacional demonstram alguns interesses e reconhecem a importância do processo de leitura. Sente-se, todavia, que as oposições são irrealistas, sem maiores significados para muitos professores, que continuam sem saber como tornar possível esta tarefa.

Talvez esse quadro se deva à falta de pesquisas, pois, sabe-se que não existem muitas investigações a respeito. O que se tem são levantamentos superficiais sobre o tema em questão, normalmente relacionados com os métodos de alfabetização.

Somente um comprometimento político poderia inspirar e alicerçar um trabalho escolar competente, transformando a prática social da leitura e de construção de novas compreensões do mundo vivido pelos professores e alunos. Pois não é possível comprometer-se em com uma política de leitura sem comprometer se com a história de vida dos sujeitos leitores.

Para Paulo Freire, é a partir da consciência que se tem da realidade que ir-se-á a buscar conteúdo programático da educação. O diálogo da educação como prática da liberdade é inaugurada no momento em que se é realizado o que se denomina de universo temático ou o conjunto de temas geradores. A investigação implica uma metodologia que não pode

contradizer a dialogicidade da educação libertadora, proporcionando também, a conscientização buscando investigar a palavra geradora.

A leitura é uma atividade complexa. O indivíduo deverá não somente decifrar e decodificar a escrita, mas também realizar uma interpretação de "leitura de mundo".

> A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE ,1985)

Deve-se pensar na leitura como importante meio de dirigir às potencialidades da criança desenvolvendo-lhe as habilidades essenciais a sua integração consciente a sociedade que faz parte.

Esse processo de interação do sujeito com o seu mundo implica em comunicação, que se dá a partir e do contato consciente como a pluralidade de significados a que o sujeito e expõe, acontece através dos mais diversos lingüísticos e da leitura dos atos humanos. A comunicação e o próprio processo de interação dá-se nos momentos em que o ser estiver aberto à sua realidade. Silva (1981) ressalta: "existo e ganho minha individualidade à medida que desvelo e vivencio o plexo de significados, atribuindo ao meu mundo, pelos outros e por mim"

Sabe-se que não se pode desprezar a linguagem verbal graficamente codificada, já que ela é o princípio e mais profundo meio de comunicar experiências, atos, pensamentos e sentimentos, e para dominá-la precisa-se exercer com cada vez mais a freqüência essa leitura de mundo e do mundo.

> (...) na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra está dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum ao sujeito" (Freire, 1999).

A leitura de textos não é simples decifração de códigos, mas sim instrumento para o ato de ler como exercício de compreensão de mundo e de si mesmo, ou seja, as possibilidades que a leitura traz para o indivíduo são de ordem pessoal — enriquecimento cultural, acesso ao saber acumulado, econômico-social — qualificação profissional e acessos social, política — individuo crítico e atuante, cidadão emancipado, um indivíduo que lê o seu mundo.

Pela significação que tem para o ser humano, pelo quanto a leitura representa de possibilidades emancipação, o domínio da capacidade de ler precisa ser encarado como um direito do sujeito. Ao conquistar esse direito estará liberta da alienação, melhor preparado para ser emancipado.

2.3 - Conceituando Leitura

Na busca da definição do que é leitura, tem-se como referencial de análise e discussão autores renomados. A capacidade de ler é essencial à realização pessoal, e hoje em dia, é cada vez mais aceita a premissa de que o processo social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra imprensa.

Cabe ao professor, mediador de leituras, um papel ativo nesse processo, fazendo argumentar, refletir, escutando suas leituras para com elas e com eles reaprender o seu eterno processo de ler.

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É, a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos o outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor o pretendia e dona da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (GERALDI apud Lajolo,1984)

Ler é atravessar o texto, interagindo com o autor, na busca e na produção de sentido; é ser competente para compreender e decifrar a realidade. Na construção de sentido de um texto, são considerados não só aspectos centrados no texto, mas também, nos interlocutores. Ao ler, o leitor entrega seus conhecimentos prévios, ou seja, conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida e que o leitor traz consigo, aos conhecimentos vinculados pelo texto, construindo sentido ao texto, com base nos ser criticados que pôde contribuir anteriormente.

Ler é promover predições, inferências e a comunicação das várias formas do texto entre si (intertextualidade), possibilitando ao leitor a adquirir novas informações, ampliar suas capacidades de expressão, participar criticamente além de ajudar a descobrir e aperfeiçoar seu mundo anterior.

2.4 - A importância da leitura para a compreensão da realidade

Querendo ou não, fazemos diariamente várias leituras informando-nos rotineiramente. Seja em casa, na rua, no ônibus, no trabalho ou nos mercado, a leitura e a comunicação fazem com que participemos da comunidade que está em nossa volta. Não necessariamente usando a linguagem verbal graficamente codificada. Lemos tom de voz, um gesto, uma cara, um ambiente.

A leitura é um dos mais importantes meios de comunicação do mundo atual, é um processo que atende a diferentes propósitos, pois é ligada a todos os domínios da vida moderna. É um instrumento social de divulgação de idéias de trabalho e de progresso. Compreendendo a leitura dessa forma, faz-se necessário identificar o que ler.

Por sua vez, ler não significa apenas a sua decodificação de símbolos, mas sim ler o mundo, a vida, a realidade, e principalmente ler e interpretar nossa história é ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político.

> (...) é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicador na significação literal" (Silva, 1981).

Em nossa época, a leitura desempenha papel de destacada importância. O sujeito depende do que recebe da imprensa. Lê, pensa e forma o seu juízo. É um direito que lhe assiste como cidadão das democracias. Aprendizagem da leitura é um processo de compreensão,

comunicação e ação. Através dela, o sujeito continua a aprender, sendo um recurso para se viver uma vida mais perfeita e mais completa.

Analisando o contexto atual, não se pode conceber que seja possível popularizar a leitura sem pensar na democratização política e cultural e conseqüentemente a transformação das estruturas sociais e econômicas. É utópico considerar que existem soluções fora deste prisma, pois, em nenhuma mudança é efetivamente de cima para baixo, o que só porque começa a haver uma conscientização maior, as transformações serão decretadas de imediato por parte das autoridades.

> É preciso que a educação de carne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso que, então, instaurada uma sociedade justa e bela. Nada poderá ser feito antes que uma geração inteira de gente boa e justa assuma a tarefa de criar a sociedade ideal. (Freire, 1999).

É na formação e na construção de uma sociedade democrática é que enquanto agente desse processo, lutando com nossos alunos na sua caminhada de constituição de autores e leitores, constituirmo-nos em eleitores autores de nossa história presente.

CAPÍTULO 3

3 - O PROCESSO DA LEITURA

Habitualmente se usa o termo "leitura" como relação à criança pequena, que começa a decifrar seu primeiro "livro de leitura", que aprende a reconhecer símbolos. A atividade da leitura não é apenas decodificação nem apreensão de um único sentido pré-estabelecido. Não é a criança aprendiz e submissa que nos interessa, mas a criança livre e criadora.

A leitura envolve também a atividade do leitor que atribui sentidos ao texto a partir das relações que estabelece, segundo suas experiências. "Considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção" (Orlandi, 1988: p.37).

Inicialmente, as palavras são percebidas de forma imprecisa, mas, na medida em que aumenta a familiaridade com as mesmas, atenção para os pormenores é diminuído.

Entretanto, o reconhecimento das formas gráficas das palavras não é suficiente para o ato da leitura. Este precisa ser completado pela compreensão do sentido do texto ou, pelo menos, da significação das palavras.

Ler é uma atividade de linguagem, e, desde que a criança vem ao mundo, ela está cercada de linguagem falada e escrita, seja em cartazes,

muros, placas, brinquedos, televisão e nos livros. É assim que as crianças começam a conhecê-la.

O livro, no meio social, nunca exerceu a forte atração sobre a grande massa da população, pois é muito mais fácil e atraente para o povo subdesenvolvido desfrutar da programação do rádio e da televisão do que descobrir o prazer de uma leitura.

3.1- Compreensão e Interpretação

Neste processo é necessário que o leitor vá além da superfície do texto e alcance seu sentido mais profundo. Assim sendo, não basta decodificar os sinais gráficos, mas sim procurar compreender, através de atitudes críticas concordando e discordando do autor.

Não se trata simplesmente de entender o que o autor nos quis dizer, mais do que o texto diz, pois o ato de compreender não constitui apenas o ato racional. Ao contrário está dirigido para o emocional, para o estado de consciência.

> Compreender não é a mesma coisa que descobrir uma lei, descobrir um princípio que regulamenta um acontecimento, ou penetrar um pensamento objetivo e racional, mas quer dizer chegar à síntese característica e peculiar do comportamento dos indivíduos diante dos outros, diante da natureza, diante do tempo, diante do texto. Refere-se à possibilidade de organizar o mundo e as coisas, e constitui o estado básico da existência do ser-do-homem. (Martins apud Silva, 1981).

É importante ressaltar, que durante a compreensão da leitura que, o autor não está presente. Há apenas o leitor e um documento escrito,

contudo uma mensagem e é esta expressão registrada que deve ser entendida. Desta forma, torna-se visível àquilo que estava oculto.

A leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com o nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.

Um texto tem a capacidade de invocar múltiplos significados ao ser confrontado por diferentes leitores o por diversas leituras. A acessibilidade do leitor a esse documento exige um trabalho interpretativo no sentido de destacar aspectos apropriados pela compreensão. A interpretação revela-se, portanto, com desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de significação do texto projetadas pela compreensão.

3.2 - Retenção

É preciso que o leitor tome expressivo para si o que lê, a fim de reter algumas idéias ou informações. A melhor ou pior retenção depende da maior ou menor intensidade de estímulo e da atenção do leitor no momento da percepção. Por isso, deve-se se esforçar para visualizar significativamente. Logo, é interessante fazer uma organização, uma disciplinação do trabalho intelectual da memorização.

Um dos métodos de condensar o assunto lido é o de selecionar idéias principais e, desse modo, a leitura não será perdida. Contudo, se a leitura for feita observando somente aspectos mecânicos como fluência, ritmo, velocidade, entonação, timbre de voz, pronúncia, e não for colocada

uma ação reflexiva sobre as palavras que compõem a obra, a anotação feita terá valor nulo.

3.3 - Reprodução (reorganização)

A reorganização do que foi lido pode se processar de dois modos básicos: através da paráfrase que produz o texto e nos limites do mesmo, ou através de nova recriação, ultrapassando o texto lido. Assim o ato de ler é iniciado quando a pessoa, através de sua percepção, toma consciência das obras existentes. Ao procurar compreender o texto, executa as atividades de constatação, comparação e transformação, ou ainda:

> Assim, ler significa interpretar e interpretar significa ler. A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção, de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, 1993).

Então, com relação ao ato de ler deve-se dizer que a leitura sem compreensão, sem recriação do significado não chega a alcançar seus objetivos.

Acredita-se que, quando seguida essa caminhada que, o educando tenha condições de refletir, de posicionar-se e de aplicar o que leu aos problemas do mundo.

CAPÍTULO 4

4 - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO ATO DE LER

Os objetivos educacionais relacionados à leitura, envolvendo o despertar do interesse pela mesma e a conseqüência de um hábito de ler, não são iniciados com a alfabetização, na primeira série, como talvez pensem muitos pais e professores. Para a formação desse hábito e para que a criança que realmente passe a demonstrar gradativamente interesse por ela que, é necessário que bem antes da inclusão na escola a criança entre em contato com o mundo dos livros, ouvindo as estórias, vendo as ilustrações, manuseando aquele que lhe transmitirá novos conhecimentos, permitindo a compreensão da realidade.

A prática da leitura é papel preponderante na formação do sujeito, na forma como organiza o estabelece suas relações, é necessário ter presente, que toda a realidade social é uma construção humana. A leitura desta realidade requer entendimento da família como um processo contínuo movimento, ao mesmo tempo uma prática concreta, mas, também, uma representação social.

> A formação do gosto de ler começa muito cedo, já na família, através das cantigas, do folclore, da literatura infantil oral e do contato com os livros formando atitudes positivas em relação a leitura. (Souza:1998)

Outro ponto bastante significativo é a questão econômica. Muitas vezes os pais não possuem recursos para comprar o essencial, como pensar em desviar para o livro. Os governos neoliberais deixaram nosso país mais pobre, mas excludentes, mais desigual, comentando a crise econômica. É um desafio do qual depende a possibilidade de se construir culturalmente uma pessoa ou como ser humano, impossibilitado pelas condições financeiras.

Portanto é necessário que as nossas casas propiciem sonhos e esses podem vir através das leituras, utilizando-se da linguagem — música, pintura, cinema, contos — de forma prazerosa, e de textos diversos, a disposição de móveis na casa, nas bulas de remédios, as receitas de cozinha, os rituais religiosos, as conversas das visitas.

> A retomada de infância distante, buscando a compreensão do seu ato de ler o mundo, lhe é absolutamente significativa. E acrescenta, ressaltando que a velha casa dos pais era o mundo das suas primeiras leituras. (Freire, 1999).

Vê-se, assim, a importância da construção dessas ambiências na formação do leitor. Daí a necessidade de se pensar alternativas para que as famílias, dentro da realidade que se apresentam, onde faltam tempo e instrução. A escola pública é muitas vezes responsável pela busca, no que a ela lhe compete, de um modelo de indivíduo e cidadão, responsável pela socialização e grau de instrução desse sujeito.

A participação da família, na cultura, na história se faz na medida de sua conscientização quanto aos incentivos e fazer de seus filhos bons leitores, levando-os a integrar-se no mundo do livro, incentivando-os a

leitura e desenvolvendo-lhes a criticidade diante de jornais, revistas, livros ou bíblia.

Ainda com relação ao engajamento da família no ato de ler, tem-se à acrescentar que, a algum tempo atrás, as crianças adormeciam ouvindo estórias contadas pelas mães, avós ou babás. Hoje, entretanto, adormece diante de um indiferente aparelho de televisão.

Provavelmente, a tarefa do ensino da leitura não seria tão árdua se este hábito fosse iniciado no núcleo de educação informal que é a família. Esta constatação remete a aspecto já mencionado (econômicos, culturais e políticos), que precisam ser alterados, pois só "recuperando-se o valor social da leitura quando a definição de suas funções for revista, principalmente no âmbito da família e da escola" (Silva, 1983: p.62).

Se a leitura é um aprendizado social da mesma natureza que o aprendizado da comunicação oral, com ela realizar-se-á, através das práticas familiares e sociais? Então a escola poderá cumprir o papel fundamental de ajuda e redução ás desigualdades.

> O bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância antes mesmo de saber ler, através do contato com a leitura infantil de experiências positivas no início da alfabetização. (Carvalho, 1995).

A família e a escola são duas instituições de peso para propor e desenvolver o incentivo à leitura. A leitura deve ser proposta de forma plena e efetiva no ensino, lendo até mesmo o que não está escrito, pescando as entrelinhas, eis uma habilidade sábia que deve ser incentivada e praticada na escola, a partir das séries iniciais. Pois o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se

na escola e continua pela vida afora através das influências do meio cultural e dos esforços da educação.

CAPÍTULO 5

5 - LEITURA NA ESCOLA, NOVAS PERSPECTIVAS

Refletir sobre a leitura requer uma discussão abrangente sobre o homem enquanto sujeito que lê o seu mundo, ser em transformação, em busca de soluções, e ao mesmo tempo transformador da realidade. Assim, a leitura permanece no centro das preocupações tanto da escola quanto dos pais e professores.

A escola pode transformar o ser que se educa em um novo agente, o novo consultor de experiências, um elo fundamental nessa imensa cadeia de humanidade que atravessa os séculos.

Para que a ação educativa cumpra sua tarefa no desenvolvimento do gosto pela leitura, pensa-se ser necessário a reformulação do conceito de leitura. Que seja banida a idéia da leitura como decodificação de signos, reprodução mecânica, e se amadureça a idéia de ver a leitura como um instrumento de reflexão, experiência, transformação, recriação de significados e conciliação entre ela e o lazer, pois a leitura só é cansativa quando se deve traduzir a escrita para compreendê-la.

A criança tem prazer em se comunicar com o adulto pela interpretação compartilhada do livro olhado. É preciso dar espaço a criança para que ele possa demonstrar através de interpretações lida visualmente, oral ou escrita, suscitando a emoção diversificando os sentidos.

> O ensino escolar é uma prática social decidida e estabelecida pela sociedade moderna a fim de formal e institucionalmente, transmitir a cultura às novas gerações. (Silva, 1983).

Embora tão criticada, a rede escolar ainda permanece sendo o local onde se ensina a ler e escrever, constituindo-se numa das poucas instituições que de alguma forma promovem a leitura. Uma das metas principais no ensino da leitura, portanto, é acostumar o aluno a utilizar a biblioteca.

As condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura não incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis: o livro do bolso como o "livro de dinheiro miúdo", a formação da própria biblioteca, a biblioteca da aula e da escola, a biblioteca pública (da comunidade, da igreja, etc.), abrindo ao aluno condições de adquirir informações através do mundo da palavra.

Acreditando que a utilização da biblioteca da escola é um fator importante para aquisição do conhecimento, bem como, contribui para que as crianças vejam a leitura como um ato de prazer e como prática indispensável no dia-a-dia da escola. "É preciso transformar o hábito de ler numa coisa tão importante como respirar" (Ziraldo apud Ferraz e Souza, 1988: 12).

Segundo o julgamento de muitos professores, o aluno, uma vez alfabetizado, tem condições de penetrar no "mundo das letras". Todavia, é importante ressaltar que a alfabetização, visto como decodificação de símbolos, não é suficiente para garantir a evolução da leitura numa sociedade.

Se na vida escolar é o professor que está diretamente em contato com o aluno, a ele cabe dar testemunho de amor aos livros. Compete a ele está consciente da importância da leitura para o homem.

É necessário que o professor incentive a leitura em sala de aula, o desenvolvimento de interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, e aperfeiçoa se sistematicamente na escola.

Dentro de uma perspectiva progressista, isto é, que busca a formação de um leitor crítico e participativo, agindo e interagindo com seu meio, conseqüentemente na sala de aula proporcionará que o aluno demonstre sua maneira de pensar e expor seu raciocínio.

A valorização da leitura pelo professor é fundamental para a criança adquirir o hábito de ler, percebendo que através das histórias lidas pode evidenciar aventuras maravilhosas, conhecer lugares e modos de vida distintos, descobrir, enfim, que o livro é a forma de enriquecimento pessoal.

Estando consciente dos erros que a escola tem cometido em relação à leitura, cabe a ela repensar sua prática pedagógica, pois a instituição escolar, não pode ser responsabilizada sozinha por uma questão que é política-social.

> Se quisermos inculcar o hábito da leitura precisamos ir além das necessidades e interesses e motivar a criança a ler ajustando o conteúdo de suas leituras a medida que suas necessidades e intelectuais e condições ambientais forem mudados. É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes e não por inclinações mutáveis. (Bamberger, 1987).

Na verdade, para os professores, não é fácil incutir o hábito da

leitura na criança. Todas as pessoas que convivem com elas, além do professor, devem estar envolvidos e comprometidos, para juntos fazer um bom trabalho.

Os professores necessitam conhecer a realidade social da criança, sua história, para ajudá-la no aprendizado da leitura. Para isso, precisa-se testar as mais variadas metodologias, e rever constantemente seu referencial teórico e, principalmente conhecer seu aluno.

Supõe-se que se o ato de ler fosse entendido pelo aluno em toda a sua complexidade, ele não deixaria de ler tão logo fosse liberto das obrigações que a escola se impõe. O aluno prefere livros coloridos que chamem atenção, com histórias reais e fictícias, com ações que os leve a viajar no mundo das ilusões.

Ler é mais que reconhecimento de palavras. Ler é forma de linguagem, processo de pensamento, de compreensão, que envolve simultaneamente, inúmeros hábitos, habilidades e atitudes, desenvolvidos, de maneira gradual e contínua.

Toda pessoa nasce apta para leitura, quer seja ela pobre ou rica, deficiente ou não, pois se lê não consiste apenas em decifrar sinais gráficos, em decodificar letras, mas sem saber chegar ao outro pela linguagem do olhar, dos gestos, do toque, da audição. A que se explorar todas as potencialidades humanas, de pensar e sentir o outro aprendendo a ser sábios, pois a falta da sabedoria conduz à destruição da pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho pôde-se constatar que a consciência de cidadania se forma, no diálogo, na crítica, na leitura não de qualquer livro imposto, mas um produto adaptado aos gostos e necessidades, a leitura do mundo.

Como um livro pode interessar a uma sociedade faminta, sem teto, sem emprego, semiletrada sem condições existentes é para que ela própria vem discutir e reverter esta situação. A escolha é um fato de liberdade, tanto pode retratar situações próximas do leitor que lhe permitam a projeção pessoal, como envolver a fantasia, a aventura que lhe propiciam reelaborar o real.

O despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem se beneficiar deste estímulo está não certamente penalizadas em relação as demais que pelo meio familiar e escolar descobriram a leitura. Assim, os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá se transformar em prazer ou desprazer quase que definitivo, dependendo da interação com meio e da mediação com o os adultos.

A crise da leitura tem sido um dos focos da as angústias dos educadores. Ao se questionarem sobre o modo como escolas supera o fascínio e exercício pelos meios audiovisuais, os pedagogos voltam-se mais uma vez para os aspectos circunstanciais do problema, em vez de averiguarem as suas causas.

Ao tentar superar a chamada "crise da leitura", a escola reflete sua própria crise, e sua viabilidade como meio de difusão da cultura, num meio em transformação, e sua própria possibilidade de preencher espaços sociais criando um nível de consciência e formando os críticos da realidade capazes de propiciar uma nova atitude por parte do aluno, possível de alterar suas relações com a cultura e com o todo social.

A interação de atribuir a educação papel libertador, concedendo aos indivíduos a prerrogativa de ser sujeito de sua própria ação educativa supõe uma alteração muito mais profunda do que a simples modificação de rotina de trabalho, dos currículos, da utilização de técnicas socializantes ou de recursos audiovisuais.

Supõe-se que o nível de outras instâncias sociais, a própria utilização dos meios de difusão cultural tenha como meta a formação dos novos modos de pensar. Isso requer uma modificação global e a formulação de uma verdadeira política cultural em extensão e profundidade.

Assim, o encaminhamento de uma solução para a "crise da leitura" supõe a alteração do próprio objetivo do trabalho a ser realizar, que deixa de ser simplesmente "transmitir" cultura, mas o de fazer com que o processo cultural se crie junto com o aluno.

É preciso que a leitura se apresente como impulsionador de novas perspectivas. É viável ao professor para criar outras metodologias e descobrir novos caminhos para a prática da leitura da realidade escolar.

O gosto pela leitura só poderá existir se o ato de ler for ao encontro das verdadeiras motivações dos leitores. É importante lembrar que a ausência de motivação para leitura, alegada por muitos professores, está

ligada ao reconhecimento, pelos leitores, de que os textos que lhe apresentam dizem respeito à consciência, por estes leitores, do que o ato de ler, não lhe trará maiores recompensas da sociedade em que vivem.

Para democratizar a leitura é indispensável não somente motivar o leitor, mas, sobretudo levar o livro e todos os bens culturais ao leitor. Certamente uma ação eficaz para leitura nunca dissociada dos movimentos que situem o cidadão como leitor do mundo e, produzirá a médio e longo prazo resultados duradouros. Converter o livro e os demais instrumentos de documentação cultural em objetos familiares as gerações atuais, impulsionando-as para o seu uso livre e investindo, significa um ponto de partida fecundo para gerar os leitores de amanhã.

Em um mundo letrado, ler e a possibilidade de autonomia, cidadania e facilidade. É consenso que a leitura tem o papel fundamental no contexto político, social e econômico das sociedades, já que é capaz, por si só provocar a reflexão, a integração e o crescimento intelectual das pessoas, tornando-as mais conscientes do mundo que as cerca.

Finalmente, percebemos que é preciso transformar as condições da leitura através de metodologias diversificadas, muito embora não se oferecesse estudo como esgotado, nem se entender este trabalho como prática inquestionável, considerando-se as considerações aqui tecidas. Entretanto, os resultados evidenciados revelem-se favoráveis, abrindo caminhos para discussões, reformulações e encaminhamentos para uma nova metodologia de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Yvone Atalício. **Iniciação a leitura**. Belo Horizonte: Virgínia Ltda, 1972.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERRAZ, Cláudia Ribeiro; SOUZA, Hamilton de. A escola não está preparada para a mágica da leitura. **Nova Escola**, São Paulo, v. 3, nº. 25, p. 26-29, out. 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 38 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, **Conscientização: teoria e prática de libertação** - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____, **Pedagogia do oprimido**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.

_____, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. (coleção Leitura) 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**. Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2 ed. S. Paulo: Martins Fontes, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 3a. ed. Campinas, SP: Pontes; 1995.

Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa. Versão preliminar, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: UNICAMP, 1988.

SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1981.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.